

SEMINÁRIO DOS RATOS: UMA METÁFORA DOS EVENTOS CIENTÍFICOS DE COMUNICAÇÃO

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA*

RESUMO: Os eventos científicos são espaços temporários criados para apresentação de pesquisas, discussão de temas clássicos e insurgentes no campo e compartilhamento de novas teorias e novos métodos. Contudo, poucos são os estudos voltados para aferir a sua qualidade e o avanço do conhecimento apurado em sua realização. Neste artigo, abordamos, a partir do conto *Seminário dos ratos*, de Lygia Fagundes Telles, aspectos contraditórios desses fóruns acadêmicos na contemporaneidade, apoiados no método de observação participante, em elementos da crítica literária, teoria do campo (Bourdieu) e pesquisas sobre a produção acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Comunicação; Eventos acadêmicos; Ciência.

RATS SEMINAR: A METAPHOR OF SCIENTIFIC COMMUNICATION EVENTS

ABSTRACT: Scientific events are temporary spaces created to present research, discuss classic and insurgent themes in the field and share new theories and new methods. However, there are few studies aimed at assessing its quality and the progress of knowledge ascertained in its realization. In this article, we discuss, from Lygia Fagundes Telles' short story *Rats Seminar*, contradictory aspects of these contemporary academic forums, supported by the participant observation method, elements of literary theory, field theory (Bourdieu) and research on academic production.

KEYWORDS: Literature; Communication; Academic events; Science.

*Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde é professor do curso de Publicidade e Propaganda. Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, com pós-doutorado em teoria literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GENTE COMO A GENTE

Os eventos científicos – nas mais distintas modalidades (congressos, seminários, simpósios, jornadas etc.) – são, ou deveriam ser, o *locus* para a apresentação de novas teorias e metodologias, o estado da arte, a difusão de novos saberes e a discussão de pesquisas (finalizadas ou em andamento) contributivas para a ciência. Mas, numa era de transformações aceleradas e ininterruptas no campo da comunicação midiática, as investigações da vanguarda acadêmica se descolaram dos eventos com hora marcada, visto que seus resultados (e sua simultânea divulgação) podem se dar a qualquer hora, regidos que são pelo tempo necessário às suas comprovações. Então, para que serviriam os “encontros” de pesquisadores, se neles o que prevalece é um cabedal de conhecimentos já aceitos, ou, em outras palavras, se o que sobressai são trabalhos pouco significativos, quando não anacronismos com nova roupagem? Fossem de fato relevantes, teriam se incorporado a futuras bibliografias, com a conseqüente menção de que foram partilhados pela primeira vez com a comunidade científica nestes espaços de discussão (e mesmo consagração) entre os pares.

A outra forma de promover as pesquisas e os estudos acadêmicos – e, conseqüentemente, gerar avanços científicos – são as publicações em revistas do campo, nacionais e internacionais. Na recente pesquisa “Ciência e mídia como campo de estudo: uma análise da produção científica brasileira”, Massarani e Rocha (2018) nos mostram que os artigos dos nossos pesquisadores são publicados de modo isolado, em geral assinados individualmente, sendo escassos os textos em co-autoria. A produção acadêmica publicada em periódicos resulta, efetivamente, por sua própria natureza editorial, em fragmentação, por vezes minimizada com dossiês temáticos, nos quais se pode distinguir posturas teóricas e metodológicas divergentes, mas, ainda assim, não há debates entre os autores, senão em casos raros de polêmicas em que as revistas abrem espaço para réplicas.

Os eventos científicos de maior envergadura, não obstante sejam sazonais e concentrem suas atividades em poucos dias, contam com sessões de debate em grupos de trabalho, além de mesas temáticas, possibilitando interação pessoal intensa entre os estudiosos – há também um diálogo “silencioso” que abarca os membros da comunidade científica por meio dos pareceres que elaboram como avaliadores de artigos submetidos pelo sistema “duplo-cego”.

Daí porque nos interessa, no presente artigo, investigar essa face pela qual uma parte do campo acadêmico congrega seus pares regularmente em certo tempo e espaço a fim de dividir as suas dúvidas, certezas e conclusões a respeito de seus objetos de pesquisa, gerando não somente uma reunião, mas, quase sempre, um “acontecimento”. Assim, deixamos a esfera da produção científica e seu escoamento via publicações para uma outra ocasião.

Visando focar aspectos do *modus operandi* e a real utilidade para a ciência desse tipo de evento, vamos nos valer como proposta metodológica de uma retextualização, conforme conceitua Bettetini (1996) – a transposição de um texto de um determinado domínio, no nosso caso o literário, para outro, o científico – por meio do conto “*Seminário dos ratos*”, da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, cuja trama tematiza não por acaso um encontro de “pesquisadores”. Pressupostos teóricos consagrados dos estudos literários (como diegese, detalhes expressivo, imagem pregnante) também serão mobilizados para vertebrar a nossa abordagem, além da observação participante.

Cumpre sublinhar a existência de vários estudos sobre o conto mencionado, embora não na chave interpretativa a que aludimos. Andrade (2019, p.2) enfatiza nesta história “como as organizações governamentais mantêm as estruturas de poder em nome do favorecimento e do enriquecimento de uma classe conservadora”. Finazzi-Agrò (2018) trata a ironia e a crítica ideológica da narrativa como traços principais da obra literária de Lygia Fagundes Telles. Massoli (2017) investiga *Seminário dos ratos* pela lente da ironia (e do insólito), como uma resistência estética à repressão política nos tempos da ditadura militar no país. Lucas (1990, p.66) analisa panoramicamente a produção ficcional da escritora e se detém, de forma breve mais incisiva, a investigar o conto como uma ilustração do período do “milagre econômico” brasileiro, no qual havia “a censura, o sigilo administrativo e a repressão de um lado, e os privilégios de outro”. Abordagens, portanto, bem distintas da que propomos.

AS PEÇAS DO TABULEIRO: O EVENTO E SEUS PARTICIPANTES

A narrativa de Lygia Fagundes Telles (2018) se inicia com o Chefe de Relações Públicas de um seminário que reúne especialistas em ratos batendo à porta do Secretário do Bem-Estar Público e Privado, a fim de se relatar como foi o coquetel de abertura do evento, já que esse não estava presente. O secretário em questão, homem maduro e experiente, é a autoridade máxima, o organizador-responsável pela realização do encontro, não participou da solenidade por conta de um pé inchado pela gota, enquanto o profissional de Relações Públicas é jovem – o que revela nitidamente a posição hierárquica de mando dos mais velhos e a de subserviência dos iniciantes. A denominação dos cargos “Chefe de Relações Públicas” e “Secretário do Bem-Estar Público e Privado” ensejam, de saída, o viés político que rege esse tipo de “reunião” entre *experts* de um mesmo assunto. Se a primeira denominação se restringe ao “público”, a segunda, pela sua importância (e por que não pela sua ambição?) engloba também o “privado”, como se houvesse uma Secretaria capaz de abordar essas duas esferas (a intrínseca e extrínseca). As primeiras linhas do “relatório” oral (termo exato para o contexto ficcional) do jovem subordinado para o chefe objetiva a um só tempo agradá-lo e partilhar as boas notícias:

– Tudo perfeito, Excelência. Perfeito. Foi no Salão Azul, que é menor, Vossa Excelência sabe. Poucas pessoas, só a cúpula, ficou uma reunião assim aconchegante, íntima, mas muito agradável. Fiz as apresentações, bebericou-se e – consultou o relógio – veja, Excelência, nem seis horas e já se dispersaram. O Assessor da Presidência da Ratesp está instalado na ala norte, vizinho do Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas, que está ocupando a suíte cinzenta. Já a Delegação Americana achei conveniente instalar na ala sul. Por sinal, deixei-os há pouco na piscina, o crepúsculo está deslumbrante, Excelência, deslumbrante! (TELLES, 2018: p. 251-2).

O caráter político do evento se amplia, bem como as designações dos outros participantes ironizam a sua “ilustre” posição: Assessor da Presidência da Ratesp (assessor), Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas (classes conservadoras).

Evidente, nessa fala do Relações Públicas, é a hierarquização interna do campo (BOURDIEU:

2011), os espaços destinados aos membros insignificantes e aos luminares: o mencionado diretor ocupa a suíte cinzenta, enquanto a Delegação Americana foi instalada na ala azul – área nobre da casa de campo, onde se realizará o seminário.

Aliás, o alojamento dos congressistas em espaços diferenciados da mansão é uma espécie de troféu e, portanto, reservado àqueles que possuem maior capital simbólico (BOURDIEU: 2007). O Secretário do Bem-Estar Público e Privado questionará essa disposição, ao perguntar ao Chefe das Relações Públicas por que o Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas está ocupando a suíte cinzenta. O jovem responderá que escolheu as cores pensando no perfil das pessoas, revelando um critério igualmente vinculado ao poder e a sujeição ao chefe, tratado com excessiva formalidade, como se dá nos círculos parlamentares: “– A suíte do Delegado Americano, por exemplo, é rosa-forte. Eles gostam de cores vivas. Para a de Vossa Excelência escolhi este azul-pastel, mais de uma vez vi Vossa Excelência de gravata azul...” (TELLES, 2018: p. 252).

Para completar a lista dos “personagens” dessa história – e do seminário –, saberemos pelo Chefe de Relações Públicas que vieram, com o Delegado Americano, a sua jovem secretária e um cavaleiro ruivo (que parece ser seu guarda-costas), ratificando o hábito entre os políticos e os acadêmicos de levarem “companhias” consigo em viagens¹. Há também o Cozinheiro-Chefe que terá papel determinante no desfecho, e demais empregados – anônimos e insignificantes serviçais em ação ali, para garantir o bem-estar dos congressistas e, em consequência, a densidade de suas discussões.

O ENREDO: O EVENTO COMO METÁFORA

Uma vez apresentadas as “figuras” mais proeminentes e que protagonizarão as ações diegéticas² do conto de Lygia Fagundes Telles, vamos desdobrando a sua trama e fazendo correlações com o universo acadêmico, seus pesquisadores e seu *habitus* (BOURDIEU: 2007).

Como mencionado, os “organizadores” diretamente responsáveis (o Secretário do Bem-Estar Público e Privado e o Chefe das Relações Públicas) decidiram fazer o evento (precisamente o VII Seminário de Roedores) numa casa de campo, uma mansão que, para essa finalidade, teve de passar por uma onerosa restauração, o que resultou em gastos da ordem dos milhões. Por um lado, causou indignação da imprensa, em especial de um certo jornalista, exemplificando o costumeiro descaso das instâncias administrativas e políticas do país com o dinheiro público. Por outro, as obras realizadas na mansão ratificam, apesar do desperdício, a prática de fazer obras “para inglês ver”, objetivando produzir boa (para não dizer falsa) impressão sobre a realidade nacional – e, efetivamente, encobrindo as críticas severas; não por acaso os “congressistas”, sobretudo os americanos, elogiaram a ideia (“bendita solidão”

1 - “Convidados” pagos com o dinheiro público para acompanhar nossos governantes em missões diplomáticas, econômicas ou culturais são comuns na história da nossa política. Caso clássico é o de Rose Noronha, que acompanhou o ex-Presidente Lula em várias viagens internacionais (vide reportagem em: <https://veja.abril.com.br/politica/relatorio-da-pf-mostra-que-rose-noronha-amiga-intima-de-lula-viajou-13-vezes-para-o-exterior-na-companhia-dele/>). Caso recente é o da “grande” comitiva do Presidente Bolsonaro em visita à Ásia e ao Oriente Médio (conferir a matéria em: <https://www.poder360.com.br/governo/viagem-de-bolsonaro-a-asia-e-ao-oriente-medio-custou-mais-r-1-milhao/>). Na esfera acadêmica, por meio de nossa observação participante, testemunhamos a presença de “acompanhantes” de congressistas em inúmeros eventos, com os quais tivemos oportunidade de dialogar e comprovar nosso ponto de vista.

2 - As ações diegéticas consubstanciam a diegese – a “realidade” própria que constitui a narrativa ficcional, o “mundo fictício” fora e independente da realidade do leitor.

e o “contato íntimo com a natureza”) e, tão logo chegaram, foram desfrutar da piscina da casa, de onde se vê “o crepúsculo deslumbrante”, como acentuou o Chefe das Relações Públicas.

Tanto é assim que o Secretário do Bem-Estar Público e Privado, contrário a presença dos americanos nos assuntos internos do país (“os ratos são nossos, as soluções têm de ser nossas”), menciona explicitamente a constância e a valência desse estratagema:

Por que botar todo mundo a par das nossas mazelas? Das nossas deficiências? Devíamos só mostrar o lado positivo não apenas da sociedade mas da nossa família. De nós mesmos – acrescentou apontando para o pé em cima da almofada. – Por que não apareci ainda, por quê? Porque simplesmente não quero que me vejam indisposto, de pé inchado, mancando. Amanhã, calço o sapato para a instalação, de bom grado faço esse sacrifício (TELLES, 2018: p. 252).

E, como se para “perpetuar” esse comportamento, preparando o seu sucessor, o secretário aconselha o jovem: “O senhor, que é um candidato em potencial, desde cedo precisa ir aprendendo essas coisas, moço. Mostrar só o lado positivo, só o que pode nos enaltecer. Esconder nossos chinelos” (TELLES, 2018: p. 252-3).

Ainda irritado com a crítica do jornalista em relação às despesas de restauração da casa de campo, o secretário diz ao seu subordinado – num tom de réplica – que os milhões gastos na obra são irrelevantes, pois os ratos estão consumindo muito, muito mais – bilhões das finanças públicas –, e o tal repórter só pode ser de esquerda, ou amigo dos roedores. Seu posicionamento nos revela por isotopia que ele pertence à “direita governista” – mas seria um pensamento primário julgar que métodos escusos são privilégios dessa “casta”, tanto quanto defender que a “esquerda” vive de acusar (com razão ou não) por ser oposição, e, uma vez no poder, permanece imune à corrupção. Pela sua argumentação frágil, falta ao secretário – e a muitos pesquisadores – o pensamento complexo, teorizado por Morin (2005). A ótica binária limita a compreensão dos fenômenos, muito mais complexos porque resultantes de múltiplas ações, interações e retro-ações.

De qualquer modo, o fato de a “reunião” ter sido transferida para um local retirado, longe do centro urbano, onde está o problema (a superpopulação de ratos), não impede, como uma cortina de fumaça, que se abafe a maior crítica aos organizadores e aos seus ineficazes seminários, e o Chefe das Relações Públicas não poupa o secretário de recordá-la:

aquela eterna tecla que não cansam de bater, que já estamos no VII Seminário e até agora, nada de objetivo, que a população ratal já se multiplicou sete mil vezes depois do I Seminário, que temos agora cem ratos para cada habitante, que nas favelas não são as Marias mas as ratazanas que andam de lata d’água na cabeça (TELLES, 2018: p. 253).

No entanto, como é praxe quando se recebe crítica com argumentos fortes, busca-se por vezes,

num contra-discurso, não negá-la com fatos e provas cabais, mas desmoralizá-la, adotando intencionalmente a *mutatio controversie* – uma das artimanhas da dialética erística proposta por Schopenhauer (1997) –, que desvia o debate para outra questão³. O jovem, embora mencione a crítica ao seu chefe, movido pelo *habitus* do campo não hesita em rir dos críticos e chamar de “bisonhices” tais acusações.

Há, então, um *plot point*⁴, enquanto o Chefe de Relações Públicas continua seu relato para o Secretário do Bem-Estar Público e Privado – uma mudança na progressão da história, que instaura definitivamente o conflito na trama: um barulho, um barulho esquisito, que parece vir do fundo da terra e subir depois para o teto, invadindo a sala onde os dois conversam. O secretário, único a registrar a anormalidade, aventa a hipótese de alguém ter instalado um gravador para flagrá-los em conluio, aposta até que possa ter sido o delegado americano, em quem ele não confia e, aliás, manifestou-se contra a sua indicação como partícipe do seminário.

O barulho logo desaparece, e os dois personagens passam a dialogar sobre a estratégia que os levou a manter a imprensa a distância, o que, para o secretário, talvez fosse um erro. O jovem subordinado discorda:

– Vossa Excelência vai me perdoar, mas penso que a cúpula se valoriza ficando assim inacessível. Aliás, é sabido que uma certa distância, um certo mistério excita mais do que o contato diário com os meios de comunicação. Nossa única fonte vai soltando notícias discretas, influenciando sem alarde até o encerramento, quando abriremos as baterias! Não é uma boa tática? (TELLES, 2018: p. 255).

O secretário apóia essa ideia, dá os parabéns ao jovem e conclui que esse é mesmo o objetivo deles: “influenciar no começo e no fim todos os meios de comunicação do país” (TELLES, 2018: p. 255). Esse conjunto de táticas (a realização do evento numa casa de campo, as informações passadas aos poucos para a imprensa etc.) nos remete à espetacularização que se vê nas comunidades científicas, a qual Agamben (2007) se refere em sua obra *Profanações*, até porque, uma vez inserida nas lógicas de produção e nas práticas de consumo no presente estágio do capitalismo, a ciência não tem como se manter à parte, sem mediatizar não apenas as suas descobertas, mas, sobretudo, os seus dispositivos de pesquisa.

A propósito, Castiel e Sanz-Valero (2007), discutindo os artigos científicos publicados em revistas acadêmicas (o que vale também para os textos apresentados em congressos) como um tipo de mercadoria – que causa fetiche por um lado, e, por outro, assegura a sobrevivência dos pesquisadores –, apontam a excessiva quantidade de produção acadêmica, os discutíveis padrões de indexadores, a insuficiência dos estudos bibliométricos, entre outros entraves. Convém não esquecer que os encontros acadêmicos são, dentro das forças do campo científico, território de consagração dos estudiosos mais

3 Como vencer um debate sem ter razão em 38 estratagemas (dialética erística), obra póstuma de Schopenhauer, apresenta, com base nos Tópicos de Aristóteles, argumentos “falaciosos” utilizados em discussões com o intuito de persuadir o público, entre os quais as premissas falsas, o salto indutivo, a manipulação semântica e a *mutatio controversie* a qual nos referimos.

4 *Plot point*. Ponto de virada que inicia efetivamente o conflito na narrativa (no caso, o rumo perturbador, que, como veremos, é produzido pelos ratos, objeto e tema do seminário).

experimentados e pórtico para os jovens pesquisadores apresentarem suas primeiras investigações, bem como participarem (ainda que não plenamente) das disputas do campo, visando a sua legitimação.

O secretário, em seguida, diz ao seu interlocutor que está ouvindo de novo o barulho, talvez por possuir uma audição especial. Aproveita, assim, para rememorar a sua trajetória “política”:

Quando fiz a Revolução de 32 e depois, no Golpe de 64, era sempre o primeiro do grupo a pressentir qualquer anormalidade. O primeiro! Lembro que uma noite avisei meus companheiros. O inimigo está aqui com a gente, e eles riram. Bobagem, você bebeu demais, tínhamos tomado no jantar um vinho delicioso. Pois quando saímos para dormir, estávamos cercados (TELLES, 2018: p. 256).

Cabe bem aqui é a definição de “ilusão biográfica”, concebida por Bourdieu (2001), não apenas nas palavras dos personagens, mas levada adiante pelo homo academicus, cujas informações profissionais inseridas na plataforma Lattes dão sentido à sua narrativa pessoal. O secretário deixa claro, com orgulho, que participou da Revolução de 32 e do Golpe de 64 – uma ironia do “narrador” da história para com os direitistas; mas, vale lembrar, a corrupção administrativa é sistêmica, suprapartidária e contamina também os representantes do centro e da esquerda. O Secretário do Bem-Estar Público e Privado acusa explicitamente os jornalistas de serem sempre de esquerda, chama-os de subversivos, bastardos e, por fim, literalmente de ratos. Sua posição política – e a de seu subordinado – é ratificada por outros dêiticos da diegese; um deles merece especial menção: o jovem informa que, para agradar os congressistas, preferiu encomendar vinho chileno, não obstante a qualidade da produção nacional. O secretário pergunta de que safra é o vinho. O outro responde: “De Pinochet, naturalmente”.

O estranho barulho então se faz ouvir de novo, e agora é bem mais forte, é “fortíssimo”. Desta vez, o Chefe de Relações Públicas também o percebe, e não pela escuta atenta, ele sente o assoalho tremer, como se estivesse sobre um vulcão prestes a irromper. Apressa-se, corre até a porta e avisa o secretário que vai verificar imediatamente o que está sucedendo.

A história, a partir daí, segue numa linha vertiginosa até seu desfecho: o jovem é questionado pela secretária que acompanha o delegado americano, e pelo Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas, ambos intrigados com o barulho. Tenta acalmá-los, mas descobre que os telefones da casa pararam de funcionar.

Para ampliar a tensão, o Cozinheiro-Chefe irrompe histérico – as lagostas, as galinhas, toda a comida preparada para os congressistas foi devorada pelos ratos. Relata, então, ao Chefe de Relações Públicas que, enquanto preparava o jantar, percebeu de súbito uma tremedeira e, em seguida, viu entrar pela janela centenas de roedores, guinchando. Invadiram a cozinha e foram comendo tudo que encontravam. O Cozinheiro-Chefe diz ter se defrontado com um deles e vocifera com espanto: “ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito homem. Pela alma de minha mãe, doutor, me representou um homem vestido de rato!” (TELLES, 2018: p. 259).

Podemos assegurar que essa descrição, “um homem vestido de rato”, constitui um detalhe expressivo, de forte percepção visual – artifício de que se valem os escritores de linhagem realista, se-

gundo James Wood (2011), para dar verossimilhança à narrativa. O que não deixa de ser uma forma de nivelar o comportamento dos homens ao dos ratos, tanto quanto o dos ratos ao dos homens.

Desobedecendo o Chefe das Relações Públicas, que lhe dá a ordem de fazer a comida com os víveres que restaram, o Cozinheiro-Chefe, como os demais empregados da casa de campo, foge pelo mato, a pé mesmo, pois nenhum carro estacionado ali funciona (os ratos comeram os fios dos motores).

O final, trágico, é protagonizado pelo Chefe das Relações Públicas. Chamado aos gritos no andar superior, ele mal pode se mover: observa o chinelo (do Secretário do Bem-Estar Público e Privado) deslizando pelo chão, obviamente carregado por um *rattus alexandrinus*. As luzes do casarão se apagam. E, ao sentir a primeira dentada, sentindo-se atacado pelos roedores famintos, procura desesperadamente um esconderijo, até conseguir se fechar na geladeira.

A propalada cúpula, portanto, não acontecerá concretamente. Numa atmosfera de terror, a história termina com os participantes do seminário dizimados pelos ratos. O que nos obriga a pensar naqueles eventos que se realizaram de fato, mas que, sem nada trazer de novo em termos científicos, no fundo também não existiram. Noutras palavras, se nestes “diálogos” científicos não se apurou avanço algum, pode-se dizer que não são espaços vivos, mas pedras tumulares de velhos conhecimentos. Ao contrário do conto “O congresso”, de Jorge Luis Borges (2009), no qual um grupo de pessoas decide promover o “congresso do mundo” e, por fim, descobrem, como se por uma epifania, que seu empreendimento é vão, pois “começou com o primeiro instante do mundo e prosseguirá quando formos pó” (BORGES, 2009: p. 40), existem encontros acadêmicos que, embora realizados, não estão em lugar nenhum da realidade, senão no currículo Lattes de seus participantes – espaço público, aberto para a aferição bancária da produção dos cientistas.

Malgrado seus critérios nem sempre qualitativos, um ranking de eventos, como já se faz com o Qualis CAPES dos periódicos (classificação não isenta de falhas), poderia ser um mecanismo de avaliação a favor do avanço da ciência, zelando pela aplicação produtiva dos recursos que o Estado destina às reuniões acadêmicas. Isso porque raramente é aferida *a posteriori* a relevância da produção apresentada nas cúpulas acadêmicas, embora haja algumas nas quais o número de *papers* aprovados ultrapasse a casa dos trezentos, quatrocentos, às vezes quinhentos. As maiores, de cunho internacional, que congregam investigadores de várias partes do mundo, por vezes somam número ainda maior⁵, para além de mil. Em teoria, há uma seleção criteriosa dos textos submetidos, com a aprovação condicionada à preemência do estudo apresentado, mas a práxis de reunir uma diversidade de pesquisas, contemplando regiões distintas do mundo, é prevalente, o que resulta na eliminação de estudos similares (ainda que expressivos) e na concorrência de propostas de um mesmo continente, já que a origem do texto também se torna um critério – busca-se um equilíbrio, visando não tornar o evento uma reunião de pesquisadores de uma só área geográfica.

Em alguns congressos, existe um prêmio a ser concedido aos trabalhos mais originais, como é o caso do Prêmio COMUNICON⁶, mas, ainda assim, como as pesquisas seguem um tempo mediato,

5 Como exemplo, foram aprovados 1.450 textos (entre artigos e painéis) para apresentação no IAMCR da edição de 2018. Conferir no site do evento: <http://www2.espm.br/comunicon-2018/premio-comunicon>. Acesso em 19/02/2020.

6 Prêmio instituído pelo PPGCOM da ESPM-SP e concedido aos melhores artigos apresentados nas categorias doutor, doutorando, mestre e mestrando a cada edição do COMUNICON – Congresso Internacional de Comunicação e Consumo. Conferir o regulamento no link: <http://www2.espm.br/comunicon-2018/premio-comunicon>. Acesso em:

para de fato assentarem o seu valor e se disseminarem pelas veias e artérias do conhecimento, consolidando-se como inovações e se tornando referências mobilizadas em estudos subseqüentes, inspirando-os ou gerando tensionamentos – a ciência ganha não apenas com a sedimentação de teorias e métodos, mas com as novas camadas de saber, ou aquelas ainda em pendão, que a essa estabilidade se contrapõem –, transformando-se em matéria-prima para pesquisas e experimentos futuros. É assim, com o entrelaçamento em parte estável, em parte volátil, das ideias e do posicionamento acadêmico dos estudiosos, que as “certezas” científicas se alargam, ganhando o cotidiano das sociedades humanas, sob pena de seus articuladores, à semelhança do seminário da nossa história, estarem numa casa de campo isolada, distante do universo social, em busca de resoluções que, mesmo não sendo devaneios, não seguem estritamente os cuidados que comprovam a eficácia dos métodos.

No conto de Lygia Fagundes Telles, não há espaço para conhecermos, de fato, a dinâmica do debate, mas, embora ausente no enredo (por conta obviamente da potência alegórica do desfecho que caracteriza a diegese), é essencial lembrarmos o tempo exíguo das seções dos GTs nos congressos, sobretudo de espectro grandioso, sempre restritas a no máximo duas horas, reservando de dez a quinze minutos para cada apresentação. O pesquisador viaja, às vezes, para outro continente, com recursos públicos (quando não completado por sua instituição ou pelo seu próprio bolso), para uma participação burocrática, efêmera, estéril.

O autor desse texto, a título de exemplo, já esteve presente, discutindo suas pesquisas, em diversas edições do IAMCR – França, Suécia, África do Sul –, assim como em outros eventos internacionais – ECREA (Alemanha), FELAFACS (Peru), ALED (Chile), IBERCOM (Espanha, Brasil), LUSOCON (Portugal, Espanha)⁷ –, e em poucas ocasiões sentiu que o intercâmbio de saberes com seus pares estrangeiros gerou o desejo de “profanar”, de contrapor, de produzir novas provas, de rever seus pressupostos teóricos, por conta de um incentivo, uma crítica bem aplicada à sua “comunicação”. Também já esteve na organização e foi responsável pela coordenação geral dos GTs de vários congressos, fez palestras como convidado de abertura e encerramento de eventos de largo espectro, e sente que é imperioso discutir as formas que modelam os debates e as trocas de conhecimento entre os pesquisadores, para que sejam fecundas. Faz-se muito barulho para promover um congresso, como os ratos no início do conto, mas um enorme silêncio se segue à sua realização.

A propósito, Verón (1977), ao considerar o discurso científico como um corpo de signos, aponta as três possíveis formas de abordá-los: 1) a sintática, que estuda as relações dos signos em si; 2) a semântica, estudo das relações dos signos com o que representam e 3) a pragmática, voltada para as relações dos signos com quem os emite e os recebe. E faz um diagnóstico preciso e ainda atual sobre os problemas como

a objetividade das ciências sociais, o papel (positivo ou negativo) dos juízos de valor, as relações entre a ciência e a ideologia e outros semelhantes que têm sido discutidos

19/02/2020.

7 - IAMCR (International Association for Media and Communication), ECREA (European Communication Research and Education Association), FELAFACS (Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social), ALED (Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso), IBERCOM (Congresso Ibero-Americano de Comunicação) e LUSOCOM (Federação Lusófona de Ciências da Comunicação).

do ponto de vista sintático (lógico) e/ou semântico (epistemológico e metodológico), mas na verdade, somente podem ser formulados de forma completa no nível da pragmática da ciência. Nenhuma formulação de tais problemas pode ser adequada se não se levam em contas estes três níveis de análise da atividade científica (VERÓN, 1977: p. 169-170).

Do mesmo modo, falta pensarmos e debatermos, em relação ao sistema de signos que constituem um congresso, a sua instância pragmática. Não por acaso, Maldonado (2006, p. 273) nos alerta que “não é pertinente, nem justificado formular projetos que não contribuam para melhorar as sociedades pelas quais são sustentados”.

EM SUMA, NEM DEUSES, NEM RATOS: HOMENS

Retomemos a narrativa: depois de um tempo, o Chefe das Relações Públicas, único sobrevivente na casa de campo tomada pelos roedores, sai da geladeira e se vê sozinho na cozinha deserta. Andou no escuro pelos outros cômodos vazios, ciente de que o chão, os móveis e as cortinas haviam sido devorados. Ouvia “um murmurejo secreto, rascante, que parece vir da Sala dos Debates e teve a intuição de que estavam todos reunidos ali, de portas fechadas” (TELLES, 2018: p. 261). O seminário “sobre” os ratos se tornou verdadeiramente um seminário “dos” ratos, que, em suma, conquistaram inteiramente o lugar e se encontram como numa sessão de Grupos de Trabalhos dos congressos acadêmicos. Em fuga, já salvo dos ataques dos bichos, e há quilômetros de lá, o Chefe das Relações Públicas avista, com espanto, o casarão todo iluminado.

Podemos dizer que essa cena derradeira delinea uma imagem pregnante, ou, na definição de Walnice Nogueira Galvão (2018: p. 736) “um concentrado ou condensado de sentido, uma síntese extremada de tudo o que o conto insinua. De tal modo que, quando aparece, traz consigo um senso de revelação, iluminando em rastilho toda a narrativa” – um elemento narrativo com o qual Lygia Fagundes Telles comumente estrutura seus contos. A imagem pregnante, nesse caso, é metafórica e recorrente na nossa cultura, além de facilmente discernível: ela materializa os ratos, quer dizer, os homens vis e corruptos, confabulando novas formas de privilégios e/ou manutenção de seus poderes espúrios. A casa tomada pelos roedores nos leva a pensar também nos objetos de pesquisa em comunicação que – por ser um campo multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar e, por vezes, até contradisciplinar – oprimem, abatem e devoram os próprios pesquisadores.

Vale repetir que o Estado destina verbas para a pesquisa científica no país por meio de várias instâncias, e parte dessas verbas é voltada para a viabilização de congressos acadêmicos. Relatórios são feitos, posteriormente, às agências de fomento que “financiam” parte dos eventos, mas se apóiam em grandezas numéricas e raramente trazem dados sobre a “qualidade” dos debates, os possíveis progressos que alcançaram em termos de novas teorias e metodologias. Não por acaso, no conto de Lygia Fagundes Telles é uma esfera oficial do governo que promove o *Seminário dos ratos*, desde a sua primeira até a sétima (e última) edição.

O deslocamento da sede do evento, na nossa história, para uma casa de campo, plasma o hábito de se realizar eventos em cidades aprazáveis, nas quais os pesquisadores possam fazer “turismo”

nas horas vagas. Em algumas cúpulas, há na própria programação “pacotes” que incluem visitas a museus, passeios noturnos, *city tour*, jantares típicos⁸. É, sem dúvida, uma “lei fundamental” das reuniões científicas, ou *nomos*, na definição de Bourdieu (1996), que o lugar escolhido ofereça atrativos aos participantes para além de suas atividades específicas.

Assim como no caso das revistas científicas, em que proliferam as chamadas “publicações predadoras”⁹. – nas quais não há avaliação rigorosa dos pares e, por isso, servem para engordar currículos acadêmicos –, é urgente voltarmos a nossa atenção para congressos que, embora não sejam pseudo-científicos, são efetivamente de pouco valia para o progresso da ciência.

Não devemos, como sublinhou o Secretário do Bem-Estar Público e Privado da história, evocar apenas o lado positivo dos eventos acadêmicos, que, pela condescendência e cumplicidade dos participantes, oculta as mazelas da comunidade científica. É preciso ponderarmos, discutindo abertamente no campo da Comunicação, o lado negativo das pequenas e grandes reuniões de pesquisadores que pautam o nosso calendário.

A poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (2018, p. 365) nos alerta: “Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno”. O conto de Lygia Fagundes Telles nos leva, pela presente retextualização, a mostrar os nossos chinelos. É preciso profanar a sacra razão da ciência, lembrando que ela não é feita nem por deuses, nem por ratos, mas por homens.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANDRADE, Émile Cardoso. *A democracia brasileira entre ratos e vampiros*: relendo Lygia Fagundes Telles. Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos. Brasília, n. 56, e5614, 2019, p.1-10.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. Seleção e apresentação de Euca-nã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BETTETINI, Gianfranco. *La conversación audiovisual*. Barcelona: Cátedra, 1996.

BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.)

8 - Os exemplos estão nos sites dos próprios congressos, cujas informações em geral estão inseridas na parte de serviços opcionais. Na última edição do IAMCR 2019, em Madrid, oferecia-se aos congressistas jantar no Museu da Moda com show de dança flamenca (vide a programação em: <https://iamcr.org/madrid2019/social-event-conference>.)

9 - Recebemos (e temos arquivados, como provas) e-mails de periódicos e editoras acadêmicas oferecendo a publicação de artigos em dossiês e antologias mediante pagamento da preparação e diagramação do nosso texto.

Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

_____. *Homo academicus*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

CASTIEL, Luis David; SANZ-VALERO, Javier. Entre o fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23 (12), dez. 2007, p. 3041 a 3050.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Amor, humor e terror na ficção de Lygia Fagundes Telles. *Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos*. Brasília, n. 56, e562, 2019, p.1-20.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “O olhar de uma mulher”. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LUCAS, Fábio. A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles. *Revista Travessia*, n. 20, 1990, p. 60-77.

MALDONADO, Alberto Efendy. “Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes”. In: MALDONADO, Alberto Efendy (org.). *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MASSARANI, Luisa; ROCHA, Mariana. Ciência e mídia como campo de estudo: uma análise da produção científica brasileira. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.41, n.3, p.1-17, set./dez. 2018.

MASSOLI, Ligia Carolina Franciscati da Silva. Narrativa de resistência: “Seminário dos ratos” de Lygia Fagundes Telles. *Revista (Entre Parênteses)*, volume 6, número1, 2017, p.1-10.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão: em 38 estratégias (dialética erística)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VERÓN, Eliseo. *Ideologia, estrutura e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RECEBIDO EM: 11/02/2020 | APROVADO EM: 13/02/2020